

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA: INVESTIGANDO A JUVENTUDE RURAL

CLAUDETE KUHN, KARLA ROSÁRIO BRUMES

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.1: 97-116, jan., 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/47977/32937>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan., 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA: INVESTIGANDO A JUVENTUDE RURAL

CLAUDETE KUHN¹KARLA ROSÁRIO BRUMES²

RESUMO

Nosso objetivo é apresentar uma discussão a respeito das metodologias de pesquisa utilizadas durante a coleta de informações em nossa dissertação. Esta buscou analisar e compreender quais os espaços de lazer e sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul/PR e como estes foram se modificando ou sendo alterados, a partir das transformações ocorridas no lugar. Buscamos fazer uma abordagem sobre as metodologias da observação participante, História Oral e entrevistas, e grupos focais. Tratam-se de metodologias de cunho qualitativo, as quais ganham destaque nas pesquisas com sujeitos sociais em seus aspectos culturais, sociais ou mesmo nas suas relações com o espaço. Por meio deste trabalho, esperamos contribuir com uma discussão teórica e uma reflexão prática sobre a importância dessas metodologias na coleta de informações em Geografia Humana, muitas vezes carente de discussões no que diz respeito a dimensão metodológica.

Palavras-chave: Observação participante; História oral; Entrevistas; Grupos focais.

INTRODUÇÃO

A discussão apresentada nesse artigo surge do anseio em dar mais visibilidade a uma das discussões que desenvolvemos durante a nossa dissertação de mestrado, junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia, da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná –UNICENTRO, qual seja, uma abordagem teórica sobre as metodologias utilizadas para a coleta de informações em nossa pesquisa.

Este trabalho iniciou-se no ano de 2012 e teve como objetivo principal, analisar e compreender quais os espaços de lazer e sociabilidade vividos pela juventude rural de Laranjeiras do Sul/PR e como estes foram se modificando ou sendo alterados, a partir das transformações ocorridas no lugar, olhando, sempre, para outros contextos mais abrangentes. Para desenvolver a análise, optamos por investigar duas gerações: uma composta por pessoas que vivenciaram sua juventude

1 Mestre em Geografia - Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná - UNICENTRO/ Guarapuava-PR. E-mail: claudetekuhn@hotmail.com.

2 Professora Doutora da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Geografia - UNICENTRO/Guarapuava/Paraná). E-mail: kbrumes@hotmail.com.

de na década de 1980 e outra pela juventude rural pertencente à geração atual. O estudo foi realizado em três comunidades rurais do interior do município, caracterizadas pela presença da agricultura familiar, a saber: comunidade Rio do Tigre, Faxinal Grande e São Pedro do Interior.

Para atingir nosso objetivo, em um primeiro momento, foi necessário buscar informações junto às pessoas que vivenciaram sua juventude durante a década de 1980. Era necessário compreender quais eram suas práticas de sociabilidade, o que tinham a disposição nessa época para suas vivências juvenis, a relação estabelecida com o grupo de pares, as referências culturais disponíveis e quais as conexões e territorialidades articuladas no lugar. Em um segundo momento, foi preciso realizar um mergulho no presente junto a juventude rural pertencente à geração atual. A partir daí, buscamos identificar quais os espaços de lazer e sociabilidade frequentados e vividos pela juventude rural no campo e na cidade, como constroem suas redes de sociabilidade e amizade com jovens urbanos e rurais, como elaboram suas identidades e suas territorialidades na vivência com seu grupo de pares e, ainda, quais transformações engendradas nesse lugar ao longo do tempo e quais suas expectativas em relação aos seus projetos de futuro.

A partir desses delineamentos e dos objetivos propostos, buscamos refletir a respeito de quais metodologias deveríamos adotar para coletar dados e informações atinentes à juventude rural pesquisada. Assim, nos propomos investigar quais metodologias vêm sendo utilizadas por diferentes pesquisadores, em suas pesquisas, ao estudar grupos sociais nas mais diversas áreas do conhecimento e também na área da Ciência Geográfica. Foram acionadas, então, a metodologia da observação participante; História Oral e entrevistas; e grupos focais.

Essas três metodologias são amplamente discutidas e utilizadas por outros campos do conhecimento como a Antropologia, Sociologia, História e Psicologia. Elas possuem cunho qualitativo e ganham destaque nas pesquisas dos sujeitos sociais em seus aspectos culturais, sociais ou mesmo nas suas relações com o espaço. A Geografia Humana, em especial aquela voltada para o estudo cultural dos grupos juvenis, vem há algum tempo se aproximando dessas metodologias e colaborando, por meio das suas pesquisas, com uma reflexão prática e teórica sobre a importância delas nos estudos com grupos sociais.

Acreditamos que as pesquisas qualitativas têm ganhado cada vez mais destaque dentro das Ciências Sociais e Humanas, no sentido em que procuram entender o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, símbolos e representações sociais que permeiam as relações humanas. Nesse aspecto a Geografia Humana ganha destaque, porque além de contribuir no seu entendimento busca espacializar tais processos.

Portanto, o que propomos nessa discussão, é o limiar de uma abordagem teórica sobre cada uma das metodologias utilizadas durante o processo de pesquisa e demonstrar como foi nossa experiência junto às pessoas que eram jovens rurais na década de 1980 e com a juventude rural atual. Esperamos poder contribuir com as discussões a respeito dessas metodologias, demonstrando possibilidades

de coletas de dados e informações nas pesquisas de cunho qualitativo dentro das Ciências Humanas, em especial, da Geografia.

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: ENTRANDO EM CONTATO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

A metodologia da observação participante é muito utilizada nos estudos antropológicos e, nos últimos tempos, tem ganhado destaque nos estudos geográficos, com destaque para a Geografia Cultural. Por meio dela, a Geografia tem-se dedicado a inúmeros estudos que contemplam sujeitos sociais em seus mais variados aspectos culturais. A observação participante, assim como a História Oral, vem preencher as lacunas existentes no que tange aos recursos metodológicos de coleta de dados na Geografia Humana.

Antes de falarmos sobre o acontecer dessa metodologia em campo, queremos ressaltar que os estudos que envolvem a Observação Participante não são recentes e remontam ao século XIX. Os primeiros estudos tiveram início com a Escola de Chicago, dentro da Antropologia e dos estudos etnográficos, tendo como um dos seus percussores Robert Park. A princípio, os estudos buscaram compreender as mudanças dos fenômenos sociais na cidade de Chicago (1920-1930) e mais tarde, por volta de 1950, os pesquisadores voltam seus olhares para a cultura, buscando descrevê-la em seu sentido sociológico. Recentemente, a etnografia tem se dedicado a grupos culturais mais complexos como a escola, grupo de adolescentes e idosos, etc. (MAY, 2004; WINKIN, 1998; VIANNA, 2007).

A Observação Participante tem se apresentado como uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas e principalmente nos estudos que abordam grupos culturais de juventudes, isso porque ela possibilita uma aproximação com os sujeitos envolvidos na discussão. Nesse sentido, uma definição sobre observação participante, que tem orientado diversos autores como Turra Neto (2004) e Vianna (2007), assim como em nossas pesquisas com juventudes, é apresentado por Cicourel (1980)

[...] definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (SCHWARTZ; SCHWARTZ *apud* CICOUREL, 1980, p. 89).

Como podemos perceber, tal metodologia vai exigir do pesquisador (a) uma vivência mais efetiva com o grupo estudado. Ela requer uma participação constante junto ao cotidiano desses sujeitos, por um determinado período. De acordo com Winkin (1998), para que se pratique e se utilize a Observação Participante é preciso escolher um campo, podendo ser um lugar público ou semi-público, mas que permita ao pesquisador fazer várias “idas e vindas” e, assim, coletar informações e dados atinentes ao trabalho.

Como essa metodologia foi utilizada junto à juventude rural da geração atual, inicialmente tivemos que pensar e planejar quais seriam os espaços e momentos de nossas investidas a campo. Nesse sentido iniciamos nossas observações ainda no decorrer de 2012. Elegemos para tal, as festas realizadas nas comunidades de Rio do Tigre, São Pedro do Interior e Faxinal Grande. Ao passo que fomos nos inserindo junto a juventude rural, passamos a vivenciar outros espaços frequentados por eles/elas como os bailes e festas realizados nas comunidades vizinhas, ou ainda em outros municípios; em alguns momentos de lazer na cidade; de diversão, aos sábados e domingos, no pavilhão ou no campo de futebol das comunidades e ainda, tivemos a oportunidade de conhecer e vivenciar momentos em família e conhecê-los um pouco mais. Durante cerca de um ano, mantivemos uma relação de proximidade com esses grupos sociais e com as pessoas da comunidade.

Um dos momentos mais difíceis encontrados durante a pesquisa foi o processo de inserção no grupo pesquisado. Em algumas vezes, nos sentimos como uma intrusa em meio aos jovens e percebemos que era preciso elaborar algumas estratégias. Na observação participante, de acordo com Winkin (1998), o pesquisador deve tentar envolver-se e ser aceito em determinado grau pelos sujeitos pesquisados.

Uma sugestão, apontada por Foote-Whyte (1980) é deixar claro às pessoas o trabalho que está sendo desenvolvido. Assim fizemos. Desde o início salientamos que estávamos realizando uma pesquisa com a juventude rural. Logo, os/as jovens rurais queriam saber do que se tratava. Sempre que fomos solicitados explicamos os objetivos da pesquisa. Em alguns momentos percebemos um olhar de estranhamento, de desconfiança e também uma curiosidade por parte dos sujeitos para saber mais a respeito.

May (2004) e Vianna (2007) orientam que em vários momentos o pesquisador poderá sentir-se desconfortável perante o grupo. No entanto, sua presença pode ser amenizada por várias idas e vindas ao lugar de pesquisa, e com o passar do tempo às pessoas acabam se acostumando com a ideia de ter junto de si alguém de fora e passam a agir com maior naturalidade.

Isso foi perceptível ao longo da Observação Participante. Conforme Turra Neto (2004), ao adentrar o universo cultural de um determinado grupo, os primeiros momentos são reservados a tomar contato com os elementos desse novo mundo, para depois interagir. E foi assim que fizemos. Ao participar da experiência com a juventude rural, aos poucos fomos nos tornando familiar, e com o passar do tempo pudemos interagir e coletar informações importantes para as análises finais da nossa pesquisa.

É importante frisar que, ao inserir-se no campo, é necessário estar pautado em discussões teóricas. A Observação Participante não é considerada um trabalho qualquer e necessita ter junto de si a teoria. É ela quem irá permitir ir mais longe, observar algo ainda escondido e dialogar com os sujeitos pesquisados (WINKIN, 1998; TURRA NETO, 2011). Uma pesquisa baseada nessa metodologia, para ser considerada científica, necessita de materiais teóricos consistentes e estrutura-

dos, que deem suporte aos fatos e comportamentos observados, evitando assim, a produção de elementos vagos e sem conclusão.

Conforme a discussão apresentada por diversos autores, a metodologia da observação participante não possui regras fixas e espera do pesquisador um certo grau de improvisação diante das situações que vão surgindo. No entanto, ela é um processo que exige, de quem a está praticando, a utilização de todos os seus sentidos para identificar e registrar determinados fatos que ocorrem na realidade. Para Winkin (1998) a etnografia, que pode ser utilizada como sinônimo de observação participante é, ao mesmo tempo, “uma arte e uma disciplina científica” que consiste em “saber ler”, “saber estar”- consigo e com os outros - e “saber escrever”. Ou seja, a etnografia convida a desenvolver três competências básicas: “arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (WINKIN, 1998, p. 132).

Um dos pontos importantes da observação participante, e que podemos experienciar na prática, é a possibilidade do pesquisador poder testar hipóteses, criando situações que não surgiriam por si só. Por meio dela, além de ser possível observar comportamentos, também conseguimos ver diferentes opiniões, atitudes, sentimentos, etc.

Outro ponto interessante apontado por vários autores, entre os quais podemos citar Vianna (2007), diz respeito a prática dessa metodologia, podendo ela ser aberta ou oculta. Na primeira delas, o observador é identificado e os sujeitos sabem que estão sendo observados. Na segunda, existe um sigilo sobre o observador e ele age como os demais sujeitos. No caso da nossa pesquisa, utilizamos a primeira delas, pois consideramos a mais indicada e com uma posição ética mais coerente diante dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Já Cicourel (1980), por sua vez, define quatro tipos de papéis que podem ser exercidos pelo pesquisador em relação a sua participação no grupo, a qual varia de acordo com o grau de envolvimento: participante total, participante como observador, observador como participante e observador total.

De início, nos sentimos no papel de observadora participante, apenas em uma situação passiva. Mas como esta posição não permite a interação, no decorrer do tempo e das situações, fomos nos constituindo como uma participante observadora e ao percebermos, já estávamos aceitos pelo grupo e podendo participar como uma pesquisadora e como sujeito integrante do grupo. Nesse sentido, Cicourel (1980) alerta que esta posição pode tornar o pesquisador cego para as questões científicas importantes. Mas ao mesmo tempo, esse papel tem a vantagem de expor o observador tanto a rotina, como vivenciar as experiências e as atividades desenvolvidas pelo grupo.

Um dos cuidados que devemos ter durante a realização de uma pesquisa pautada na observação participante é em relação ao grau de envolvimento com o grupo estudado. Esse foi um ponto que sempre nos veio a cabeça durante o período de inserção em campo com a juventude rural.

Com os/as jovens rurais das Comunidades de São Pedro do Interior e Faxinal Grande desenvolvemos um contato enorme não apenas nas festas, bailes e

nos finais de semana nas comunidades, mas também por intermédio das redes sociais, como o *facebook*. Por meio dessa, alguns jovens dessas comunidades nos contavam o que fariam nos finais de semana, nos convidavam para ir junto a alguma festa em uma comunidade vizinha ou ainda em algum baile. A relação com a juventude rural ficou próxima e não podíamos esquecer os objetivos pretendidos. Era preciso tomar cuidado a todo o momento para que a relação de proximidade não nos deixasse cegos em relação aos objetivos propostos.

Na Comunidade do Rio do Tigre, a relação com a juventude rural também foi intensa. Ali, a observação participante também ocorreu durante nossas aulas, sempre as terças-feiras, no Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes, localizado na sede da comunidade. Muitos jovens desse lugar ainda frequentam o Ensino Médio. No decorrer das aulas, foi possível ter um contato maior com a juventude rural e assim nos contavam o que fariam nos finais de semana, as festas, bailes ou jogos de futebol que estavam agendados para que nós pudessemos participar. Nesse caso, nossa posição, inclusive nos espaços de lazer, oscilava entre a “professora de Geografia” ou a pesquisadora. Uma solução encontrada e também apontada por Cicourel (1980) é estar consciente dos papéis representados por cada um e sempre que necessário relacionar o que se está observando com a teoria, com os objetivos propostos e os rumos que a pesquisa vem tomando.

Para o registro das informações feitas em campo, vários autores salientam a importância do diário de campo. Ele será o principal instrumento utilizado no decorrer do trabalho. De acordo com Winkin (1998), nele será registrado tudo aquilo que foi vivenciado em campo. O autor ressalta a importância de o diário ser privado, pois é aconselhável que somente o pesquisador leia e releia-o sempre que achar necessário.

Durante a nossa observação participante optamos por não fazer as anotações no diário em campo, pois nas pesquisas anteriores, percebemos que isso causa inibição por parte dos sujeitos pesquisados. Assim, logo que retornávamos do campo a tarefa consistia em realizar as anotações em nosso diário, pois nesse momento a memória ainda estava viva e assim não corríamos o risco, sempre existente e crescente com o passar do tempo, de esquecer algum fato importante. No diário de campo são anotadas todas as emoções vividas durante a observação, a relação com os sujeitos pesquisados, anseios, expectativas, dúvidas. Sempre anotamos tudo o que consideramos importante ou mesmo desnecessário, pois qualquer informação poderá tornar-se interessante mais tarde.

Também, sempre que possível, realizamos releituras do nosso diário de campo. Essa prática permite observar alguns fatos, emergir questões sobre as hipóteses investigadas, revelar acontecimentos importantes até então não percebidos e incitar novas perguntas ou atenção maior para algumas situações.

Em relação ao momento da retirada de campo, Cicourel (1980) orienta que ela irá ocorrer no momento em que o pesquisador sentir que já possui os dados necessários para o término do trabalho. O material existente dirá se já é o suficiente para sair do campo. A saída do campo de ação não remete ao término das

relações interpessoais. Conforme o autor, dependendo do “contrato social” estabelecido com os sujeitos observados a relação prolongar-se-á indefinidamente.

Conforme Turra Neto (2004, p. 91), o grande desafio após o campo “é organizar todo o material num texto coerente, que tenha credibilidade científica e que seja ao mesmo tempo tão apaixonante quanto a pesquisa o foi”. Para o autor, baseado em Becker (1999), os dados obtidos em campo merecem credibilidade por dois fatores essenciais.

1) as pessoas são obrigadas a agir tal como se o pesquisador não estivesse ali, pois estão submetidas às restrições sociais. Assim, as pessoas têm papéis no grupo a cumprir e a obrigação com o grupo é mais forte que a inibição na presença do observador; 2) o (a) pesquisador (a) coleta muitos dados e passa longo tempo no campo, o suficiente para testar várias vezes suas conclusões. Neste sentido, há múltiplas evidências de que as conclusões não estão baseadas em fatos efêmeros (TURRA NETO, 2004, p. 92).

Uma sugestão seria apresentar os resultados da pesquisa tal como ocorrem em campo e como chegaram ao autor no decorrer do trabalho de solução dos problemas investigados. Na construção textual deve-se ter cuidado com a linguagem e escrever o texto de forma livre e transparente, mostrando os diálogos entre o pesquisador e os sujeitos (TURRA NETO, 2004).

Por fim, vale destacar que a metodologia da observação participante se constituiu ao longo do trabalho como uma ótima ferramenta na produção de informações junto aos sujeitos pesquisados. Além de nos proporcionar um maior contato com o universo da juventude rural das três comunidades, em seus espaços de lazer e sociabilidade, ainda pudemos conhecer seus cotidianos, suas famílias, as pessoas da comunidade e suas vivências. Também foi por meio da observação participante e por intermédio da juventude rural de cada uma das comunidades, que podemos ter contato e conhecer pessoas que eram jovens na década de 1980, os quais nos ajudaram no desenvolvimento da pesquisa por meio das conversas informais e na realização das entrevistas individuais.

Salientamos, em linhas gerais, que todas as informações obtidas no decorrer da pesquisa tiveram sua autorização para publicação por meio da assinatura de um Termo de Consentimento de Uso da Entrevista. Este documento faz parte de um procedimento ético da pesquisa na qual o entrevistado toma ciência da natureza da mesma e é solicitado a permitir ao pesquisador a gravação e a utilização da entrevista no trabalho científico e posterior divulgação, enfim, os direitos de sua publicação. Todos os/as entrevistados/as participantes da nossa pesquisa permitiram a citação de trechos dos relatos na redação final do trabalho.

METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL E A TÉCNICA DE ENTREVISTAS

A História Oral vem crescendo como metodologia de pesquisa dentro das Ciências Humanas. É utilizada por antropólogos, sociólogos, psicólogos sociais,

geógrafos, mas principalmente por historiadores. Ela é uma metodologia, que juntamente com as entrevistas são responsáveis pela produção de documentos orais (CALDAS, 2003). Ela proporciona por meio de pedaços reconstituir o todo, ou seja, “ela trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo” que possibilitam reconstituir processos históricos e representações sociais dos sujeitos de uma determinada sociedade (PORTELLI, 1997, p. 26).

A História Oral ganha destaque, de acordo com Ferreira (2002), no decorrer do século XX. Com a Fundação da Escola de Annales, em 1929, ocorre um impulso no Movimento de Transformação no Campo da História. Um grupo de historiadores passa a questionar a hegemonia da história política e factual, baseada exclusivamente em documentos escritos e que excluía a possibilidade de uso de fontes orais.

Um passo importante para a transformação na História Oral foi dado nos Estados Unidos, entre 1918-1920, quando a escola de Sociologia de Chicago passou a elaborar regras que dessem validade as “histórias de vida”. No ano de 1950, várias Universidades vão iniciar projetos de história oral com as elites (MEIHY, 2002).

O “boom” da história oral vai acontecer no final dos anos de 1960 e ao longo da década de 1970, em especial, nos Estados Unidos da América (THOMPSON, 1982; FERREIRA, 1998). A partir dessa década, a história oral passou a ser vista como uma “contra história” ou “outra história”, estudando e dando vozes aos excluídos e tentando recuperar às trajetórias de grupos dominados. A luta dos negros, mulheres e migrantes seriam responsáveis pela afirmação da história oral. “A história oral se afirmava, assim, como instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social - uma história oral militante” (FERREIRA, 2002, p. 322-323).

No Brasil a história oral vai iniciar-se mais tarde. De acordo com Meihy (2002, p.100), isto vai ocorrer devido a dois fatores: “[...] a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores de histórias locais e de tradições populares, e a ausência de laços universitários com os localismos e com a cultura popular”. Em 1975, a História Oral ganha destaque em nosso país pela criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil - CPDOC, no Rio de Janeiro, que passou a coletar depoimentos da elite brasileira (THOMPSON, 1982; MEIHY, 2002).

Atualmente a História Oral tem servido para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas e tem se dedicado aos estudos das elites, das políticas públicas do Estado e na recuperação das trajetórias dos grupos excluídos. E por outro lado, tem tentado estabelecer as relações entre memória e história com base a constituir uma discussão mais refinada do passado (FERREIRA, 2002).

Em relação a sua aplicabilidade, Alberti (2005, p. 21) destaca em primeiro lugar que “ela só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance”. Assim, ela pode servir para pesquisas futuras. Outra especificidade da História Oral é o fato dela sempre resultar em documentos históricos. No entanto, isso exige a elaboração de um projeto que

possua hipóteses, objetivos e uma orientação teórica plausível para a realização das entrevistas.

A entrevista de História Oral possibilita identificar e obter informações de acontecimentos não encontrados de outra natureza. Para Alberti (2005, p. 23), a peculiaridade da história oral “decorre de toda uma postura com relação a história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar história oral sem pensar em biografia e memória”.

Pautados nesses aspectos que a História Oral apresentou-se como uma importante ferramenta de coleta de dados para nossa pesquisa. Assim realizamos entrevistas com pessoas residentes nas três comunidades, anteriormente citadas, que eram jovens na década de 1980 e entrevistas com jovens da geração atual. Para ambas as gerações, foi elaborado previamente um roteiro de questões. Com a primeira geração buscamos resgatar os tempos, espaços e as referências culturais que a juventude rural da época tinha a sua disposição, bem como os espaços de lazer e sociabilidade que frequentavam.

Com a juventude rural atual, por sua vez, o roteiro foi elaborado com base nas informações coletadas por intermédio da observação participante. A História Oral, nesse caso, permitiu conhecer alguns aspectos do período da infância dos entrevistados, o processo de constituição do seu grupo de pares e das suas identidades. Por meio dessa metodologia, também buscamos identificar em ambas as gerações as transformações que foram ocorrendo no lugar ao longo do tempo e as mudanças estruturais percebidas no lugar em que vivem.

Em relação aos tipos de História Oral, apesar de serem em maior número, destacaremos as duas utilizadas em nossa pesquisa: a História Oral de Vida e a História Oral Temática.

A História Oral de Vida, como o nome traduz, indica a “narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa” (MEIHY, 2002, p. 130). Esta possui um caráter subjetivo e permite trabalhar com a experiência pessoal. A História Oral Temática “se compromete com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido” (MEIHY, 2002, p. 145). Nesse caso as questões propostas pelo pesquisador são diretas.

Conforme Alberti (2005, p. 38) “pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados.” Ou seja, o tipo de entrevista vai depender dos objetivos do trabalho.

Para Meihy (2002) existem projetos que podem abarcar as histórias de vida e a história temática. É o que parece ter ocorrido em nossa pesquisa. Pois ao mesmo tempo em que buscamos identificar os espaços de lazer e sociabilidade da juventude rural da década de 1980, as transformações ocorridas nas comunidades e no espaço rural de Laranjeiras do Sul ao longo do tempo, transitamos também pelas suas trajetórias de vida e sua construção enquanto sujeitos.

Na geração atual, mesmo que não tão evidente, a História Oral se faz presente nos relatos sobre sua infância, sobre a lembrança de como era a comunidade e sobre as modificações que foram ocorrendo ao longo do tempo. Vale ressaltar, que ao contrário da juventude rural da geração anterior, podemos vivenciar juntamente com os sujeitos jovens da geração atual os seus mais diversos espaços de lazer e sociabilidade, percebendo como eles vivenciam esse período, suas territorialidades; os conflitos inerentes a juventude rural no que diz respeito à família, a comunidade, a conjuntura social e política que estão inseridos e em relação aos seus projetos de futuro.

Ainda em relação a algumas definições sobre a História Oral, Meihy (2002) e Amado e Ferreira (2006) destacam a importância de o pesquisador ressaltar de que modo irá encarar a História Oral: como técnica, disciplina ou método. Se for tratada como técnica, a história oral é entendida como um recurso a mais, interessado nas experiências das gravações, transcrição e conservação das entrevistas para um acervo oral (MEIHY, 2002; AMADO; FERREIRA, 2006).

Para os que a entendem como disciplina, existem vários argumentos, pois ela possui “técnicas específicas de pesquisa, possui procedimentos metodológicos singulares e um aparato conceitual” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. xiii). A história oral possui um corpo teórico distinto relacionado às suas práticas.

No entanto, é como método que a História Oral se fez pertinente em nossa pesquisa, pois tem as entrevistas como foco central. Meihy (2002, p. 44) explicita a importância da História Oral como método.

Como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam os depoimentos como atenção central dos estudos. Trata-se de focalizar as entrevistas como ponto central das análises. Para valorizá-las metodologicamente, os oralistas centram sua atenção, desde o estabelecimento do projeto, nos critérios de recolhimento das entrevistas, em seu processamento, na passagem do oral para o escrito e nos resultados.

Conforme Amado e Ferreira (2006), a História Oral vai ordenar os procedimentos de trabalho, a importância dos depoimentos para a pesquisa e irá funcionar como uma ponte entre a teoria e a prática. “Na área teórica, a história oral é capaz de suscitar, jamais de solucionar, questões: formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. xvi.). Como método ela pode contribuir no entendimento da “construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades” (FERREIRA, 2002, p. 330).

Na literatura da História Oral foi possível identificar a concordância dos autores de que ela deve ser entendida a luz das memórias individuais e coletivas.

Conforme Alberti (2004) a história oral tem a peculiaridade de privilegiar a recuperação do vivido conforme entendido por meio de quem viveu. Desse modo, “a memória é a presença do passado”. Através das sínteses da memória é possível

“retomar” de certa forma o passado. “O que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência” (ALBERTI, 2004, p. 19).

Para Meihy (2002, p. 52) “toda narrativa tem um conteúdo de passado”. Entretanto, é necessário diferenciarmos a memória individual da que é conhecida como grupal. “A memória pessoal é biológica e cultural, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente” (MEIHY, 2002, p. 52). O autor destaca ainda, que no caso da memória individual, ela só terá sentido “em função da sua inscrição no conjunto social das demais memórias” (MEIHY, 2002, p. 54). Já a memória coletiva “é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando sua identidade” (MEIHY, 2002, p. 55). Dessa forma, a lembrança revela um passado significativo juntando partes da própria memória individual com os símbolos, aspectos e estruturas existentes no grupo social ao qual está inserido.

De acordo com Alberti (2005), a história oral não busca ser fonte de verdade. Trata-se de uma interpretação dos fatos do passado a partir do tempo presente. A memória são lembranças que por vezes se misturam com a imaginação, decorrendo daí algumas deformações nos relatos e na reconstituição do passado, decorrentes de alguns esquecimentos.

Também é relevante, nesse momento, ressaltar alguns aspectos importantes relacionados à situação da entrevista na História Oral. Tanto o pesquisador como os sujeitos participam ativamente na construção das narrativas. A entrevista é definida como

[...] um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p. 143).

Ou seja, através da entrevista pretende-se captar informações que dizem respeito a um objeto específico, podendo o informante fornecer informações que ajudem a compreender determinados questionamentos.

Algumas estratégias podem ser utilizadas pelo pesquisador (a) para tentar amenizar o desconforto trazido pela situação da entrevista em História Oral. Em nosso caso, buscamos estabelecer contato com todos os entrevistados antes de realizá-la. Conversamos várias vezes de forma informal, com os possíveis entrevistados, durante a observação participante nas comunidades. Antes de realizar as entrevistas nos atentamos para deixar claro os objetivos e os propósitos da nossa pesquisa.

Buscamos durante todo esse tempo, entre as nossas idas e vindas, estabelecer um clima de confiança e de conforto com os entrevistados. Todas as entrevistas foram marcadas previamente com cada um dos entrevistados, com data e local determinado conforme a possibilidade do informante.

A utilização do gravador também é apontada pelos autores como um fator que poderá interferir no momento de realização da pesquisa. E de fato isso ocorreu em alguns casos, pois muitos dos entrevistados nunca haviam feito relatos no uso desse equipamento. Mesmo assim todos os participantes permitiram, por meio da assinatura do Termo de Consentimento de Uso da Entrevista, o uso do mesmo. No início da entrevista a situação ficava mais “endurecida”, mas aos poucos os entrevistados passaram a agir de forma mais natural e todos trouxeram contribuições importantes para o nosso trabalho.

Na opinião de Alberti (2005), a qualidade da entrevista, das informações, opiniões e da própria memória, vai depender estreitamente da relação estabelecida entre as partes. Nesse sentido, durante a entrevista buscamos adequar o ritmo da entrevista ao do entrevistado, tentando não interromper o curso do seu pensamento. Fizemos o possível para conseguir ter um controle metodológico durante a execução da tarefa, pois como bem salienta o autor supracitado, a situação da entrevista é única e em uma nova tentativa as informações não terão mais a mesma qualidade.

Para o melhor desempenho das entrevistas é preciso delimitar o tempo da gravação e como serão organizados os questionamentos. Neste sentido, Colongese e Mélo (1998) destacam que a entrevista pode ser padronizada de 3 formas diferentes: entrevista não-diretiva – a qual é utilizada de forma exploratória, visando detalhar questões/problemas, bem como formular conceitos a elas relacionadas de modo preciso. A outra forma é a entrevista semi-diretiva, em que as questões são formuladas com antecedência. O entrevistador possui um roteiro com questões mais ou menos ordenadas, podendo desdobrar as mesmas durante a conversa com o informante. E a última é a entrevista padronizada, na qual se utilizam roteiros de entrevista, com perguntas em uma sequência predeterminada, eliminando a liberdade do entrevistador.

No caso da nossa pesquisa, optamos pela entrevista semi-diretiva. Tal escolha foi motivada, em especial, pelo maior grau de liberdade alcançado pelos pesquisadores no momento da entrevista de história oral quando este tipo de entrevista é utilizado. No entanto, em todo o momento buscamos centrar nossos questionamentos em torno da problemática citada na tentativa de buscar os melhores resultados e também não perder o foco daquilo que estava contido no roteiro da entrevista com a juventude rural da geração de 1980 e com a geração atual.

Buscamos, durante a realização das entrevistas, ter o cuidado com a duração do tempo das mesmas, não ultrapassando o limite de uma hora e meia de gravação. Tal cuidado se fez necessário para não torná-las cansativas demais aos informantes e evitar a produção de informações desnecessárias aos objetivos propostos. Meihy (2002) também orienta sobre os cuidados com a transcrição da gravação e na manutenção daquilo que foi dito pelo entrevistado. Nesse sentido, ressalta-se a importância e a ligação existente entre a ética e a História Oral. O pesquisador deve ter uma postura em relação aos procedimentos metodológicos e técnicos, bem como ser fiel no momento da transcrição da informação, mesmo que essa não venha de encontro ao esperado.

Outro ponto relevante, apontado por Meihy (2002) e Alberti (2005), é a elaboração prévia de uma ficha de entrevista que poderá ser preenchida no momento de realização da mesma. Nela poderão ser anotados os dados pessoais do entrevistado (nome completo, idade, endereço, telefone, tipo de entrevista, nome dos entrevistadores, etc.) para posterior identificação. Junto com essa, elaboramos e anexamos também um Termo de Consentimento de Uso da Entrevista. Este documento, como descrito anteriormente, se faz pertinente para estabelecer um contrato ético entre o pesquisador e o informante. Salientamos outrossim que este documento garante aos participantes o direito de consultar as informações transcritas da entrevista previamente a sua publicação.

A EXPERIÊNCIA DOS GRUPOS FOCAIS

A metodologia dos grupos focais é muito utilizada nas investigações dos processos sociais e em pesquisas qualitativas. A opção por esta metodologia também está relacionada a um estratégia de inserção em campo junto a juventude rural pesquisada e se faz pertinente por estar associada as outras duas metodologias utilizadas na pesquisa, a História Oral por meio de entrevistas e a observação participante.

De acordo com Gomes (2005), os grupos focais são apresentados na literatura desde 1920, como técnica de pesquisa em *marketing*. Na década de 1940, começou a ser utilizada pela sociologia para verificar os motivos das respostas relacionadas à audiência e, posteriormente, a partir de 1970, torna-se comum o uso desta metodologia nas pesquisas de mercado, em períodos de campanhas eleitorais e no treinamento de pessoal.

Mas a guinada dessa metodologia vai ocorrer a partir de 1980, quando passa ser utilizada, além das pesquisas de mercado, nos trabalhos das Ciências Sociais com ênfase nos aspectos políticos, com a análise do perfil dos eleitores. Dando seguimento a esse percurso, ganha espaço nos mais diversos segmentos da pesquisa social (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002).

A escolha por esta metodologia está condicionada à orientação teórico metodológica da investigação, do objeto a ser investigado e da real necessidade de coletar dados e informações inerentes ao problema de pesquisa. Conforme Gondim (2003, p. 151), os grupos focais como técnica “ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada, também, como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos”.

A principal característica dessa metodologia é a interação entre os participantes, possibilitando a exposição e discussão de diferentes pontos de vista e opiniões sobre um determinado tema. Podendo ser definida, tal como apresentam Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 5)

Uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

Ou seja, a ênfase recai em torno da “fala” dos participantes, por meio da qual se produzem conceitos, impressões e opiniões sobre um tema. A interação do grupo e o debate vão gerar os dados e em decorrência disso, as informações produzidas possuem cunho qualitativo.

Em nossa pesquisa optamos por realizar os grupos focais com a juventude rural da geração atual, para dar maior sustentabilidade às observações realizadas em campo e também às entrevistas. Desse modo realizamos três grupos focais, um em cada uma das comunidades pesquisadas. Esse foi o último passo da pesquisa após já termos realizado o contato com a maioria dos/das jovens rurais, ou seja, todos já nos conheciam e sabiam o que estávamos realizando a pesquisa.

Autores como Gondim (2003), Gomes (2005) e Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002) orientam que o número de pessoas participantes do grupo não pode ser tão grande e pode variar entre quatro a doze pessoas. Em nossos grupos focais convidamos para participar indivíduos que pudessem trazer contribuições significativas a respeito dos objetivos propostos. Estes foram identificados por meio das conversas informais durante a realização da Observação Participante. Também tivemos o cuidado para convidar jovens que se conheciam entre si para haver maior desempenho na discussão, evitando a inibição por parte dos informantes, tal como orientam Gomes e Barbosa (1999).

O local de realização dos encontros também é fundamental para o bom andamento dessa metodologia, tal como sugerem Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002). Todos os grupos focais foram realizados após as entrevistas individuais e a realização de grande parte da metodologia da observação participante.

O primeiro grupo focal foi realizado na comunidade Rio do Tigre, com a participação de 10 jovens: cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Este foi realizado em uma sala de aula do Colégio Estadual do Campo Professor Valmir Nunes, por opção dos próprios participantes. O segundo grupo focal, por sua vez, foi realizado na comunidade São Pedro do Interior na casa de uma das jovens da comunidade. Nesse grupo focal participaram seis jovens: três do sexo feminino e três do sexo masculino. E o terceiro e último grupo focal foi realizado na comunidade Faxinal Grande, no pavilhão da igreja. Este teve a participação de sete jovens: duas do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

Antes de realizar cada um dos grupos focais, procuramos entrar em contato com os/ as jovens rurais e explicá-los sobre o que é um grupo focal, seus objetivos e ver a disponibilidade de cada um dos participantes para a realização do mesmo. É interessante destacar, outrossim, que todos/as os/as convidados/as logo se dispuseram a participar e conversaram entre si para ver qual o melhor dia, horário e local para a realização do mesmo.

Inicialmente, pedimos para que todos se organizassem em círculo para facilitar a discussão. Antes de iniciar o grupo focal, nós procuramos, na posição de mediador, estabelecer um ambiente de cordialidade, agradecendo a todos pela participação e explicando como seria o procedimento da atividade. Falamos sobre a relevância da participação de todos durante o debate e acrescentamos que as

diferenças de opiniões também seriam bem vindas. Explicamos alguns cuidados que cada participante poderia ter para melhor fluidez da discussão tal como: falar um de cada vez; evitar conversas paralelas; todos poderiam falar o que pensavam e tomar cuidado para que uma única pessoa não dominasse a discussão. Todos ouviram atentamente.

Após essas “recomendações”, por assim dizer, iniciamos o trabalho. Vale ressaltar, ainda, que todo o roteiro de cada um dos grupos focais teve por base um roteiro de discussão onde constavam os tópicos e questões a serem debatidos pelos participantes, tal como sugerem Gomes e Barbosa (1999). O roteiro não possuía muitos itens, não era rígido e sempre que necessário introduzíamos outras questões no debate. De acordo com os autores, “o roteiro fornece a base para que o facilitador possa explorar, investigar e fazer perguntas” (GOMES; BARBOSA, 1999, p. 4).

Assim, íamos “jogando” os temas e questões ao tempo que os/as jovens falavam. É importante destacar que os grupos focais acabaram se configurando como um debate, com informações, opiniões e discussões importantes sobre os assuntos apresentados. Os grupos focais tiveram duração de uma hora a uma hora e meia. Durante a realização dos grupos focais, na medida do possível, procuramos dar vozes à juventude rural de modo que todos pudessem emitir opiniões, concordar ou discordar sobre algumas situações e temas apresentados. Nossa posição de mediadora exigiu a todo momento total atenção para não deixar a discussão se dispersar ou perder o foco central.

A realização dessa metodologia nos mostrou que o pesquisador precisa saber ouvir, observar e falar no momento certo, ou seja, precisa desenvolver a habilidade de controlar a discussão sem ser rígida demais e saber o momento oportuno para introduzir novos temas no debate. Os grupos focais eram encerrados quando todos os temas propostos no roteiro e outras questões foram suficientemente debatidas e com contribuições importantes para a pesquisa.

Os registros das informações foram realizados por meio de gravação em vídeo. Assim podemos ter uma noção mais geral da participação de cada um dos envolvidos, desde os gestos até as expressões faciais.

Assim como nas entrevistas individuais com a juventude rural da geração de 1980 e com a geração da juventude rural contemporânea, nos grupos focais também elaboramos uma ficha com os dados pessoais de cada um dos participantes e um Termo de Consentimento de Uso da Entrevista. Este foi assinado por todos e no caso dos participantes menores de idade, este também foi estendido aos pais para que tomassem ciência dos objetivos da pesquisa e seus resultados.

A partir dos grupos focais, e por meio da fala dos/as participantes ficaram evidentes como são complexas as vivências dos/das jovens rurais. Longe de ser um grupo homogêneo, possuem características, anseios, visões de mundo e necessidades muitas vezes invisíveis a sociedade. Assim como as demais metodologias, e apesar de termos pouca experiência no que diz respeito a realização dos grupos focais, os resultados foram muito valiosos e contribuíram de forma especial com os objetivos propostos pela pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, podemos afirmar que as metodologias da observação participante, História Oral e entrevistas, e os grupos focais têm se apresentado como importantes ferramentas na coleta de dados em pesquisas de cunho qualitativo em Geografia Humana.

A utilização dessas metodologias em nossa pesquisa, apesar dos limites inerentes ao próprio processo de produção e coleta de informações, bem como sua execução prática, apresentaram-se como positivas e de grande valia para atingir o objetivo proposto. Vale ressaltar, ainda, que a opção por essas metodologias deve estar pautada em uma opção consciente acerca de que ciência pretende-se desenvolver.

Tais metodologias, se bem trabalhadas em campo, geram resultados de extrema relevância no estudo com diferentes grupos sociais. A análise criteriosa de todas as informações coletadas proporcionam um elevado grau de confiabilidade no que diz respeito às informações coletadas.

A observação participante merece destaque, a nosso ver, por ter nos proporcionado conhecer e vivenciar de forma detalhada os espaços de lazer e sociabilidade frequentados pela juventude rural, no campo e na cidade. Por meio de nossa vivência junto aos jovens rurais, tivemos a oportunidade de compreender como constituem suas territorialidades, as quais estão longe de serem fixas. Esta experiência metodológica nos proporcionou entender alguns aspectos que permeiam seu lugar de vivência, os conflitos inerentes a família, a comunidade, seus projetos de futuro e a própria constituição das suas identidades.

A História Oral, por meio da técnica de entrevistas, contribuiu, por sua vez, com informações importantes sobre as experiências juvenis da juventude rural na década de 1980. A partir dela, pudemos analisar quais os espaços e condições sociais, econômicas e culturais disponíveis para a realização da juventude em épocas passadas no município de Laranjeiras do Sul, se comparada à geração atual. A partir daí, foi possível identificar quais mudanças ocorreram nesse lugar e quais processos possibilitaram tais transformações, em especial, nos espaços de lazer e sociabilidade.

Em relação aos grupos focais, podemos afirmar que nos possibilitou a elaboração de uma visão mais geral sobre alguns pontos que já havíamos observado durante o campo ou mesmo durante as entrevistas com a juventude rural da geração atual. Tal metodologia nos oportunizou o privilégio, por assim dizer, de vivenciar e interagir na prática com a juventude rural, sendo que muitas “falas” se apresentaram como importantes para os objetivos da nossa pesquisa.

Enfim, vale ressaltar, que não é possível descrever todos os resultados e conclusões obtidos a partir dessas metodologias detalhadamente devido aos limites desse trabalho e mesmo porque, não é essa nossa intenção. Pensamos que existe a necessidade de tentarmos, cada vez mais, amadurecer as reflexões acerca das metodologias utilizadas pela ciência geográfica no que diz respeito à coleta de dados junto aos diversos grupos sociais, contribuindo no estudo de suas espacialidades.

Esperamos que esta discussão e o esforço metodológico empreendido por nós durante a realização da pesquisa possam contribuir com outros pesquisadores

e pesquisadoras em Geografia Humana que buscam refletir sobre quais as metodologias mais adequadas a serem utilizadas em seus estudos.

Além do mais, é relevante destacar a importância dessas metodologias nos estudos junto a juventude rural. Muitos são os trabalhos (CARNEIRO, 2005; WEISHEIMER, 2005) que buscam abordar esse grupo social em seus mais variados aspectos. No entanto, a maior parte dessas pesquisas é realizada sem considerar as especificidades dessa categoria em cada contexto social. A juventude rural, longe de ser um todo homogêneo, possui anseios, visões de mundo, opiniões e necessidades que muitas vezes passam despercebidas aos estudos científicos. Nesse sentido, essas metodologias ganham destaque por “dar vozes” a esses sujeitos, muitas vezes “esquecidos” pela sociedade. Apesar dessas metodologias não serem uma garantia de mudança dessa condição, se apresentam como uma possibilidade no entendimento desses sujeitos sociais, tanto pela ciência geográfica como também nas demais pesquisas científicas, independente da área de conhecimento.

RESEARCH METHODOLOGIES IN GEOGRAPHY: ANALYZING RURAL YOUTH

ABSTRACT

Our goal is to present a discussion about the research methodologies used in the data collection of our dissertation. It aimed to analyze and understand which are the leisure and sociability areas used by rural youth of Laranjeiras do Sul/PR and how they were being modified, based on the transformations that occurred in these places. We tried to make an approach about the participant observation methodology, Oral History, interviews and focal groups. These are methodologies of qualitative nature, which are highlighted on researches with social subjects in their cultural and social aspects or even on their relations with space. Through this research, we hope to contribute with a theoretical discussion and a practical reflection about the importance of these methodologies in Human Geography data collection, many times lacking in discussions about methodological dimension.

Keywords: Participant observation; Oral History; Interview; Focal groups.

METODOLOGÍAS DE PESQUISA EN LA GEOGRAFÍA: LA INVESTIGACIÓN DE LOS JÓVENES RURALES

RESUMEN

Nuestro objetivo es presentar una discusión a respecto de las metodologías de pesquisa utilizada durante la colecta de informaciones en nuestra tesis. En la que busca analizar y comprender cuales los sítios de diversiones y sociabilidad vividos por los jóvenes rurales de Laranjeiras do Sul – PR y como fueron modificándose o siendo cambiados apartir de las transformaciones ocurridas en el lugar. Buscamos hacer un planteo sobre las metodologias de observación participativa en forma de charlas históricas y encuestas con grupos focales. Se trata de metodologias de cuño cualitativo, las cuales se destacan en las pesquisas como sujetos sociales en sus aspectos culturales, sociales como también en sus relaciones con el espacio físico. Por medio deste trabajo, esperamos contribuir con una discusión teórica y una reflexión práctica sobre la importancia de esas metodologias en la colecta de informaciones en Geografia Humana, muchas veces carentes de discusiones en lo que se refiere a la dimensión metodológica.

Palabras clave: Observación participativa; Charlas Históricas; Encuestas; Grupos focales.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** texto em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196p.

_____. **Manual de história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, 304 p.

CALDAS, Alberto Lins. Outra história oral. **Caderno de Criação.** Porto Velho, v. 30, s.p, jun. de 2003. Disponível em: < <http://www.albertolinscaldas.unir.br/historal.html> >. Acesso: 02 jul. 2012.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. *In:* ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M.(Org.). **Retratos da juventude brasileira.** Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2005.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. *In:* GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.

COLOGNESE, S. A; MÉLO, J. L. B de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Ca-**

ernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, 1998. p. 143-159.

CRUZ NETO, O. C.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. In: Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Ouro Preto, 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf>

Acesso em: 12 fev. 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário de diferenças. In: **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. MORAES, Marieta de Moraes. (Org.). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 1-13.

_____. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, p. 314-332, 2002.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E.F. **A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos**. Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais (Publicação Interna). 1999, p.1-7.

GOMES, Sandra Regina. Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Cadernos de Pós Graduação**. São Paulo: Educação. 2005, v. 4, p. 39-45.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**. Ribeirão Preto, 2003, v. 12, n. 24, p. 149-161.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. In: _____. (Org.). Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 173-203.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 246p.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, n. 15, São Paulo, p. 13-33. Abr. 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. 385 p.

TURRA NETO, Nécio. **Observação participante como metodologia de pesquisa de campo em Geografia Cultural**. Anais da XIII Semana de Geografia – Paraná 150 anos: natureza e formação socioespacial. Guarapuava: Ed. Unicentro. 2004. p. 81-95.

_____. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **Revista RA'EGA: o espaço geográfico em análise**. Curitiba, v. 23, p. 340-371. 2011.

VIANNA, Heraldo Marelin. Metodologia da observação. *In*: _____. (Org.). **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007. v. 5, cap. I, p. 9-70.

WEISHEIMER, Nilson. Jovens agricultores: gênero, trabalho e projetos profissionais. **Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS- 25 a 29 de outubro de 2005**. p. 1-25, 2005.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. *In*: _____. (Org.). **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus Ed. 1998.